

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS PARA ESTUDANTES SURDOS

TECHNOLOGY IN HIGHER EDUCATION: SUCCESSFUL PEDAGOGICAL STRATEGIES FOR DEAF STUDENTS

TECNOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: ESTRATEGIA PEDAGÓGICA BIEN SUCEDIDAS PARA ESTUDIANTES SORDOS

Aline Martins Varela

Mestre em Educação – PPGE – Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: alinevarelamyr@gmail.com

Rita Buzzi Rausch

Doutora em Educação – PPGE - Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: ritabuzzirausch@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as principais práticas pedagógicas bem-sucedidas na Educação Superior na compreensão de estudantes surdos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada em libras com 10 acadêmicos surdos de diferentes cursos de graduação de uma Instituição de Educação Superior de Blumenau – SC. Os dados foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo e os resultados indicaram que uma das principais estratégias pedagógicas bem sucedidas na compreensão dos estudantes surdos é o uso das tecnologias da informação e comunicação nos processos de ensinar e aprender. Os participantes destacaram que as tecnologias facilitam a aprendizagem de estudantes surdos, permitindo que façam relações entre conhecimentos concretos e abstratos, e contribuindo com o processo de inclusão.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação; Educação Superior; Surdez.

ABSTRACT

The following study aimed to analyze the main successful pedagogical practices in Higher Education when it comes to deaf students. It is a qualitative research in which the data were collected through a semi-structured interview in Libras (Brazilian Sign Language) along with 10 deaf students from different undergraduate courses of a higher education institution of Blumenau – SC, Brazil. The data were analyzed using the Content Analysis technique and the results indicated that one of the main successful pedagogical strategy regarding deaf students is the use of information and communication technologies in the processes of teaching and learning. Participants emphasized that technologies facilitate deaf students learning, allowing them to connect concrete and abstract knowledge, which contributes to the inclusion process.

Keywords: Information and Communication Technologies; College Education; Deafness.

RESUMEN

Esta investigación tuvo por objetivo analizar las principales prácticas pedagógicas exitosas en la Educación Superior en la comprensión de estudiantes sordos. Se trata de una investigación cualitativa en la que los datos fueron recogidos por medio de una entrevista semiestructurada en libras con 10 académicos sordos de diferentes cursos de graduación de una Institución de Educación Superior de Blumenau - SC. Los datos fueron analizados a partir de la técnica de Análisis de Contenido y los resultados indicaron que una de las principales estrategias pedagógicas exitosas en la comprensión de los estudiantes sordos es el uso de las tecnologías

de la información y comunicación en los procesos de enseñanza y aprendizaje. Los participantes destacaron que las tecnologías facilitan el aprendizaje de estudiantes sordos, permitiendo que hagan relaciones entre conocimientos concretos y abstractos, y contribuyendo con el proceso de inclusión.

Palabras clave: Tecnologías de la Información y Comunicación; Educación Superior; Sordera.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a importância da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) como estratégia pedagógica nos processos de ensino e de aprendizagem de estudantes com surdez. Faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Práticas pedagógicas bem-sucedidas na Educação Superior na compreensão de estudantes surdos.” A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB e teve como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas bem-sucedidas na Educação Superior na compreensão de estudantes surdos.

No que se refere ao referencial teórico, as autoras se debruçaram sobre as ideias de Marchesi (1996), Moraes (2002), Alba (2006), Silva e Baraúna (2007), Coll e Monereo (2008) quando se referem às tecnologias da informação e comunicação. Quadros (1997, 2002, 2005), Freire (1996), Sacks (1998), Lima (2006), Campello (2008), Januzzi (2006) e Gesser (2009) fundamentam nossa investigação quando nos referimos ao campo da educação e também da educação inclusiva.

Jannuzzi (2006) destaca que, na década de 1970, o número de pessoas surdas que ingressava nas universidades era significativamente reduzido. A partir dos anos 1980 eles chegam efetivamente ao ensino superior, depois de muitas lutas por seus direitos. Nesse processo histórico, os estudantes surdos estão cada vez mais se inserindo na graduação e as instituições e docentes precisam se adaptar a esta nova realidade.

As estratégias de aprendizagem utilizadas com os estudantes surdos não podem ser as mesmas utilizadas para os estudantes ouvintes. Precisamos refletir sobre as práticas docentes, já que os surdos necessitam de adaptações específicas para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Infelizmente, essas particularidades poucas vezes são conhecidas pelo professor, que em seu dia a dia costuma atender a um público homogêneo, ouvinte e usuário da língua portuguesa.

São inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-a-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 99).

A inclusão de pessoas da Educação Especial, neste cenário os estudantes com sur-

dez, é bastante recente. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que as instituições têm sobre o estudante a responsabilidade social quanto à sua formação e sua aprendizagem. Neste contexto, nossa intenção com essa pesquisa é contribuir com um processo mais inclusivo na Educação Superior, alertando aos professores a necessidade de refletirem sobre suas práticas docentes e entenderem a importância do uso das TICs no contexto educativo que envolve estudantes com surdez.

O SURDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Podemos observar que pesquisas envolvendo acadêmicos surdos vêm ocorrendo em todo âmbito nacional, mas quando se trata de surdos na Educação Superior o número de produções é bastante restrito.

Sabemos que o ensino superior é um espaço universal de apropriação e socialização dos conhecimentos, e de acordo com a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, atualizada no ano de 2013, que aponta em seu Artigo 43 a finalidade do ensino superior:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 2013, p. 21).

Essa lei demonstra que a finalidade do ensino superior vai muito além de proporcionar o desenvolvimento de capacidades, e também afirma sobre a apropriação, de forma autônoma, dos conhecimentos produzidos, cumprindo o papel social estabelecido para a universidade. Para Rengel e Ribeiro (2016, p. 142), há uma

[...] importância do ensino superior para a construção da sociedade, pelo fato das pessoas, ao cursarem uma graduação, ampliarem sua visão de mundo permitindo uma leitura mais realista e concreta dos fenômenos que os cercam. Bem como, é um fator importante para a ascensão da carreira profissional.

Ainda de acordo com a lei anteriormente mencionada, podemos observar que o

capítulo V é dedicado à educação especial, e nele observa-se que o sistema de ensino deve assegurar, em todas as suas modalidades e no trabalho com a educação especial, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas, que atendam às necessidades de cada educando (BRASIL, 2013).

Na Lei nº 10.436, sancionada em 24 de abril de 2002, “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. Em seu Artigo 4º, podemos atentar que “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Deixando clara a ideia de que o estudante surdo tem o direito a participar dos processos de ensino e de aprendizagem, utilizando para isso a sua língua natural¹, Libras.

Ao realizar a leitura do Decreto 5.626, que regulamenta a Lei 10.436, encontramos o conceito de surdez em seu Artigo 2º: “Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da língua Brasileira de Sinais – Libras”.

De acordo com esta mesma lei em seu Capítulo IV, que trata do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, encontramos em seu Artigo 14 que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. Ainda neste decreto destaca-se:

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva. (BRASIL, 2005, s.p.).

De acordo com o Decreto 5.626, a proficiência em língua portuguesa, fator que tem ocasionado tanta discussão e divergência no mundo acadêmico, torna-se desnecessária, visto que o estudante surdo pode ser avaliado somente em sua língua natural, Libras. Sabemos da existência de uma legislação que reconhece o uso e a difusão da Libras em nosso país, garantindo assim aos acadêmicos surdos a possibilidade de realizar o sonho de cursar o Ensino Superior, que é respaldado por lei concedendo aos surdos os mesmos direitos

¹ Uma língua sinalizada, como a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS ou LSB), é uma língua natural que utiliza o meio espacial onde é propagada e as mãos para produzir os elementos cinesiológicos necessários para compor os itens lexicais – não holísticos – que serão articulados entre si para formar sentenças. As expressões faciais e corporais, também, transmitem dados linguísticos, por isso são componentes gramaticais fundamentais para transmitir significado. (CORREA, 2007, p. 14).

oferecidos aos demais estudantes.

Os acadêmicos surdos têm seus direitos previstos e assegurados em lei, cabendo a estes indivíduos o direito de lutar por eles. O acesso às instituições de Ensino Superior deixou de ser uma utopia e passou a se tornar uma realidade na vida dos estudantes surdos. Outro fato relevante é fazer com que os acadêmicos, depois de ingressar no Ensino Superior, permaneçam e concluam seus estudos.

Quanto às instituições de ensino superior, o que se pode constatar é que elas precisam rever profundamente o modo que lidam com os processos de ensino e de aprendizagem dos acadêmicos com surdez. Existe uma necessidade de conhecer, pensar e aprofundar-se nas diferentes concepções existentes na aprendizagem surda, devendo levar em consideração suas diferenças linguísticas e culturais, ao mesmo tempo em que esses estudantes dividem o espaço universitário em que estão inseridos com acadêmicos ouvintes, e que estas diferenças incidem diretamente no cotidiano educacional desses sujeitos.

As estratégias de aprendizagem utilizadas com os estudantes surdos não podem ser as mesmas utilizadas com os estudantes ouvintes. Precisamos refletir sobre nossas práticas, já que os surdos necessitam de adaptações específicas para a efetivação de seu aprendizado. Mas infelizmente, essas particularidades poucas vezes são inferidas pelo professor, que em seu dia a dia costuma atender a um público homogêneo, ouvinte e usuário da língua portuguesa.

São inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-a-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 99).

Teoricamente, a inclusão de acadêmicos surdos no ensino superior ainda é uma realidade restrita, pois são poucos os estudantes com esta especificidade que chegam e permanecem nos cursos universitários oferecidos pelas IES. A inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais, neste cenário os estudantes com surdez, é bastante recente. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que as instituições têm sobre o estudante a responsabilidade social quanto à sua formação e seu conhecimento.

Faz-se necessário rever, reestruturar as estratégias para a adaptação das aulas e dos conteúdos, para que desta forma exista um melhor enfrentamento destes desafios, criando-se assim, no contexto educacional, ações que favoreçam os processos de ensino e de aprendizagem inclusivos dos estudantes surdos.

Para a maioria dos acadêmicos com surdez, o espaço universitário é um contexto novo, desconhecido e distante da realidade vivenciada por eles até então. As exigências são bem mais relevantes e se diferenciam daquelas com que estão habituados. Seu funcionamento, suas normas e princípios são elaborados e idealizados para as pessoas que

ouvem, para os quais a comunicação em formato oral desempenha o papel fundamental nos processos de aquisição da aprendizagem, inclusive nos momentos de socialização que ocorrem, seguindo os preceitos das pessoas que ouvem.

Grande parte dos estudantes que estão inseridos na Educação Superior desconhece as especificidades e as necessidades das pessoas surdas, apresentando-se em um contexto que na maior parte das vezes a língua de sinais é desconhecida e ignorada. Fator dificultante no processo de interação e de relacionamento, com os que estão fora dos padrões reconhecidos pela normalidade e que por este motivo são considerados deficientes.

PERCURSO METODOLÓGICO

Em relação à metodologia, foi uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, na qual realizamos entrevista semiestruturada individual e em Libras com dez acadêmicos surdos matriculados em diferentes cursos de graduação de uma Instituição de Educação Superior de Blumenau – SC. Os cursos em que os estudantes estavam matriculados eram: Administração; Artes Visuais, Ciências Contábeis, Design, Direito, Educação Física e Pedagogia.

A LIBRAS foi utilizada na coleta dos dados por entendermos que possíveis dificuldades poderiam ser superadas e atingir um melhor entendimento quanto às questões abordadas dos participantes, superando o desafio da língua. Os dados foram registrados em vídeo e os procedimentos de análise se pautaram na Análise de Conteúdo considerando-se as orientações de Bardin (2010).

As análises foram organizadas em cinco categorias, definidas a posteriori, a partir dos dados da pesquisa, e foram estruturadas da seguinte forma: Práticas Pedagógicas que Envolvem à Afetividade dos Estudantes Surdos; Práticas Pedagógicas Relacionadas às Tecnologias da Educação; Práticas Pedagógicas Relacionadas à Leitura e a Escrita de Estudantes Surdos; Práticas Pedagógicas com Foco na Aprendizagem dos Estudantes Surdos; e Práticas Pedagógicas que Envolvem Libras.

Neste artigo, nos delimitaremos a trazer a análise da categoria relacionada às TICs.

ANÁLISE DOS DADOS

As tecnologias servem como um recurso importante para trazer os acadêmicos surdos mais próximos do ambiente de aprendizagem. Segundo Marchesi (1996), os surdos, se comparados aos ouvintes, possuem um pensamento mais vinculado ao que pode ser diretamente percebido, mais concreto e com menor capacidade de pensamento abstrato e hipotético. O estudante precisa visualizar (concreto) para entender o abstrato (explicações de aulas dialogadas).

Silva e Baraúna (2007) afirmam que o desenvolvimento cognitivo dos surdos acon-

tece com base em informações visuais, sendo a imagem uma experiência de fundamental importância para que se estabeleça o processo de aprendizagem. Conseqüentemente, este procedimento provoca uma evolução em todo o processo de desenvolvimento dos estudantes e sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula. Normalmente ocorre um equívoco de pensamento por parte dos ouvintes², que costumam analisar esta dificuldade como um contratempo em relação à aprendizagem dos acadêmicos. Mas a real circunstância que podemos observar é que estes necessitam da imagem, utilizando-a como uma ferramenta de apoio para conhecer conceitos incomuns, ou seja, comprovando a necessidade do concreto para o entendimento do abstrato.

Por este motivo podemos observar que, durante as entrevistas, o recurso que mais foi mencionado pelos acadêmicos foi a utilização de slides/imagens durante as aulas. Segundo o Acadêmico 3, “a metodologia que eu mais gosto são as imagens, as aulas que contém imagens, power point eu entendo bem claro”.

Os surdos entendem e observam o mundo por meio visual e a comunicação em Libras se dá de modo visual-espacial. Conforme Quadros (1997, p. 46), “a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas por meio da visão e da utilização do espaço”. Enquanto os ouvintes falam e ouvem, os surdos utilizam a visão para se comunicar e interagir.

[...] pensar em educação de surdos é levar em conta, entre outros tantos possíveis aspectos que representam as experiências visuais das pessoas surdas, a sua língua de sinais. Inegavelmente, a linguagem é essencial ao ser humano para o estabelecimento de vários tipos de relações, para a expressão do pensamento e a constituição da subjetividade. (QUADROS, 2005, p. 46).

Por este motivo, o uso das imagens se torna tão significativo para os seus processos de aprendizagem. A utilização deste recurso apoia o aprendizado, reforçando as práticas educacionais e os aproxima daquilo que está sendo ensinado. As imagens aproximam o surdo das concepções abstratas, pois é por meio do concreto (imagens), que o surdo se apropria dos conceitos abstratos.

Conforme pôde ser observado na fala do Acadêmico 4: “quando o professor mostra imagens, parece que tudo fica mais claro e entra mais facilmente na nossa cabeça”, ressaltou também que: “quando o professor utiliza o projetor é muito bom, porque visualmente é mais fácil de perceber e desenvolver o aprendizado”. E, ainda: “Olhando o projetor e perguntando quando se tem dúvidas fica mais acessível para o surdo. Ao final da apresentação tiramos as dúvidas e isso vai auxiliando e desenvolvendo esse processo”.

Coll e Monereo (2008, p. 70) afirmam que “estudar com a incorporação das TIC nos processos formais e escolares de ensino e aprendizagem pode modificar as práticas educacionais”. Isso facilita o entendimento do que foi explicado, pois o acadêmico tem capacidade de abstrair das imagens, somadas à mediação que o auxilia na interpretação

² O termo ‘ouvinte’ refere a todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos. (QUADROS, 2004, p. 10).

delas, no caso específico dos surdos o intérprete de Libras.

Os acadêmicos tiveram como apoio a utilização de imagens, figuras e exemplos concretos para entender o que lhes foi subjetivo. Conforme nos apresenta Campello (2008, p. 80), “com o mundo visual, cujo símbolo está sempre em qualquer lugar, em todos os instantes, no abrir dos olhos de manhã até o fechar dos olhos ao dormir. Cada imagem vai delineando, construindo até firmar a representatividade do seu mundo sem ‘som’.” Com a ausência da capacidade de ouvir, esses indivíduos não conseguem imaginar as situações e exemplos utilizados pelos professores, sempre precisando do auxílio da imagem para reforçar o que está sendo dito durante as explicações.

O Acadêmico 6 mencionou “que tenha sempre o projetor, o Data Show e que tenha subsídios que me auxiliem nas explicações”, [...] “explicações junto com as imagens do Data Show, facilitam muito meu entendimento”.

As TICs podem mediar as relações entre os participantes – especialmente os estudantes, mas também os professores – e os conteúdos de aprendizagem. [...] podem mediar as interações e as trocas comunicacionais entre os participantes, seja entre professores e estudantes, seja entre os próprios estudantes. (COLL; MONEREO, 2008, p. 76).

Neste caso, as TICs se tornaram mediadoras entre os surdos e os ouvintes, sejam eles os professores ou seus colegas de aula. O uso do projetor e da imagem contribuiu ao processo de mediação, mas não podemos utilizá-los como um único meio de interação com os acadêmicos surdos.

Os alunos surdos baseiam-se mais nas pistas visuais que nas auditivas. A utilização, em sala de aula, de recursos visuais adequados facilita sobremaneira a compreensão e a aprendizagem significativa deste aluno. Alguns recursos visuais que podem ser utilizados pelo professor são objetos concretos, filmes, fitas de vídeo, fotos, gravuras de livros e revistas, desenhos, a escrita e ainda o uso da língua de sinais, da mímica, da dramatização, de expressões faciais e corporais, de gestos naturais e espontâneos que ajudam a dar significado ao que está sendo estudado. (LIMA, 2006, p. 49).

Saber explorar a infinidade de recursos imagéticos que podem ser utilizados pelo professor durante suas práticas enriquece sua dinâmica de aula, atrai a atenção dos acadêmicos e ainda os auxilia a captar de forma visual o conteúdo explicado. Este fato foi um facilitador e principalmente mediador nos processos de ensino e de aprendizagem que foram vivenciados nas salas de aula em que estão inseridos acadêmicos surdos.

O mesmo pôde ser percebido quanto à utilização do quadro para a formulação de conceitos concretos, como por exemplo nos cálculos matemáticos. Para o Acadêmico 2, “quando o professor escreve no quadro também a explicação fica bastante clara”. Na opinião do Acadêmico 4: “eu gosto mesmo é do quadro, quando o professor escreve no quadro, eu posso observar e aprender junto com a minha intérprete. É o que eu mais gosto e melhor me adapto”. Desta forma, o surdo conseguiu observar e acompanhar o raciocínio

do professor, o passo a passo da operação durante a explicação, favorecendo, assim, sua aprendizagem. Com esse entendimento, o acadêmico participou ativamente do processo, aprendendo com a mediação de seu intérprete, o que facilitou o entendimento e o aprendizado do assunto estudado.

Ainda para o Acadêmico 2, “às vezes eles utilizam o quadro para dar o significado das palavras”. Deste modo, os processos de ensinar e aprender realmente se estabelecem. O quadro, mesmo fazendo parte de uma perspectiva de educação tradicional, teve seu valor no momento da aprendizagem do estudante surdo, pois ele conseguiu observar com mais clareza a explicação e compreendeu o conteúdo.

Outro fato que se pôde observar durante a entrevista com os acadêmicos surdos foi a importância da utilização do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Essa plataforma acadêmica estava sendo utilizada pela instituição durante o decorrer das entrevistas, mas a partir do ano de 2017 este ambiente foi reestruturado e substituído pelo DION - Sistema Diário de Classe, que tem como principal objetivo fornecer ferramentas para controle de frequência e de notas, bem como fornecer relatórios de acompanhamento para professores e gestores. A nova plataforma proporciona aos estudantes acesso às notas, frequência, conteúdos, textos e trabalhos acadêmicos.

Conforme o relato do Acadêmico 2, “as aulas postadas no AVA facilitam muito”. Quando a ferramenta é utilizada pelo professor, o surdo consegue de forma autônoma desenvolver as atividades propostas. Neste caso, houve um melhor entendimento da língua portuguesa, eles puderam inclusive realizar leituras prévias dos conteúdos que foram utilizados pelo professor. Mas normalmente percebemos, na fala dos estudantes, que a plataforma não é atualizada pelo docente. Assim, os conteúdos foram recomendados aos estudantes no transcorrer das aulas, o que só comprometeu e dificultou a realização do procedimento.

A maioria dos surdos entrevistados sente dificuldades em relação à leitura e à escrita da língua portuguesa. Embora, talvez, alguns dos professores não tenham consciência disso, a leitura e a produção de textos é um fator agravante na vida acadêmica do surdo. Apesar da dificuldade, os estudantes perceberam a preocupação e o interesse de seus professores quando estes adaptaram as aulas e os materiais para eles.

Materiais com legenda também são considerados de fundamental importância e são percebidos como facilitadores para os estudantes surdos. O Acadêmico 10 nos relatou que “filmes e documentários com legenda me ajudam muito”. Durante a apresentação de documentários, filmes, entrevistas é sempre importante que o professor faça a opção por vídeos legendados. A legenda é um dos recursos que auxilia no processo de leitura e escrita das palavras em português do estudante surdo. De acordo com Alba (2006, p. 132), “as tecnologias podem contribuir para tornar efetivo o direito de participar nos contextos sociais e culturais, escolares e profissionais, especialmente quando são utilizados para dar respostas à diversidade”.

O Acadêmico 1 destacou que “eu preciso de vídeo com legenda” [...] “quando o professor coloca um vídeo sem legenda, ou o professor tem uma aula que não prende minha atenção, procuro conversar com ele para que da próxima vez ele venha com as adaptações”. Ao pedir para o professor que fizesse adaptações em suas aulas, o surdo demonstrou autonomia. E essa independência fez-se necessária no momento de procurar suprir suas necessidades educacionais e é essencial para que o acadêmico possa se tornar autônomo. Conforme nos aponta Freire (1996, p. 25), “saber que devo respeitar à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”. Nesse processo de se descobrir autônomo, o acadêmico assegura seu sucesso durante os processos inclusivos por ele vivenciados e assim transforma a autonomia que antes era percebida como uma construção individual em uma construção coletiva.

Enquanto alguns surdos ainda se veem totalmente dependentes de seus intérpretes para realizar qualquer tipo de comunicação, o Acadêmico 1 foi capaz de se manifestar individualmente com os professores, destacando-se como sujeito ativo nos processos de ensino e aprendizagem. [...] “sempre que procurei o professor e pedi adaptações tive bons resultados”. Mesmo com a dificuldade de leitura, os surdos sentiram-se acolhidos pelos professores e perceberam seu interesse em trazê-los o mais próximo possível de suas explicações, tornando a sala de aula um ambiente inclusivo e mais interessante. A portaria nº 310 de 27 de junho de 2006, regulamenta o uso de legendas e a janela de intérprete de Libras concedendo ao surdo como um direito, o acesso às informações e aos entretenimentos apresentados nos meios televisivos.

Norma complementar Nº 01 /2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Esta Norma tem por objetivo complementar as disposições relativas ao serviço de radiodifusão de sons e imagens e ao serviço de retransmissão de televisão, auxiliar ao serviço de radiodifusão de sons e imagens, visando tornar a programação transmitida ou retransmitida acessível para pessoas com deficiência, conforme disposto na Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e no Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004, alterado pelo Decreto no 5.645, de 28 de dezembro de 2005. (BRASIL, 2006, s. p.).

O estudante surdo sentiu-se acolhido e sentiu prazer em participar das aulas, buscando entender o que foi explicado e isso se tornou um fator motivador ao estudante, que desenvolveu um vínculo maior com seus professores e colegas ouvintes. Uma aula inclusiva se tornou uma aula agradável e prazerosa, fortalecendo os processos de ensino e de aprendizagem que aconteceram com maior motivação e naturalidade.

[...] além de atuarem como fonte de informações e como meio comunicacional, essas tecnologias também podem servir para o desenvolvimento de atividades que facilitem o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade, da criatividade, da cooperação e da parceria, como ferramentas que permitem a criação de ambientes virtuais, onde também é possível vivenciar valores humanos superiores associados aos processos de construção do conhecimento. (MORAES, 2002, p. 5).

Um outro fato que podemos evidenciar durante as análises dos dados foi sobre a utilização do computador durante as atividades práticas da disciplina, que foi um ponto importante e que deve ser destacado. O Acadêmico 4 nos disse que “atividades práticas para realizar em sala de aula são bastante esclarecedoras”. Segundo Coll e Monereo (2008, p. 81), “[...] as TIC cumprem esta função – quando cumprem – mediando as relações entre os três elementos do triângulo interativo – aluno, professor, conteúdo – e contribuindo para a formação do contexto de atividade no qual ocorre essas relações”. Os estudantes puderam aplicar o que foi ensinado com atividades práticas; direcionando, dessa forma, o seu conhecimento de um nível abstrato para o nível concreto, facilitando o entendimento da atividade proposta para a disciplina.

Nos relatos também tivemos a possibilidade de identificar que alguns professores se sentaram junto aos acadêmicos durante o desenvolvimento das atividades práticas. Deste modo, formou-se uma tríade entre professor-estudante-intérprete e o processo aconteceu de modo mais natural, com menores dificuldades e impedimentos para o aprendizado dos estudantes surdos.

Cabe aqui novamente destacar que o profissional de apoio do surdo, seu intérprete, deve apenas fazer a mediação entre a explicação do professor da língua portuguesa para a Libras e não ser o responsável pelo esclarecimento do conteúdo, pois ensinar é papel do professor titular da disciplina.

O papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos na sala. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. (QUADROS, 2002, p. 60).

Em alguns casos, o papel do intérprete costuma confundir-se com o do professor. Cabe a este profissional fazer-se ver como profissional de apoio e não como o responsável pelo aprendizado dos acadêmicos surdos.

Alguns entrevistados relataram que conseguem desenvolver a técnica de leitura labial. Um fato recorrente em relação à educação de surdos foi que, equivocadamente, os ouvintes costumam entender que “todos os surdos leem lábios”. Mas não é desta forma que o processo se desenvolve. Na opinião do acadêmico 1, “o mais importante para mim é ter um intérprete porque aí eu vejo o intérprete e ao mesmo tempo o professor, quando ele está próximo de mim eu consigo ter estes dois acessos, entre o intérprete e fazer a leitura labial do professor”.

De acordo com Sacks (1998, p. 82), a “leitura labial não é apenas uma habilidade visual – 75% dela é uma espécie de adivinhação inspirada ou conclusão por hipótese, dependendo do uso de pistas encontradas no contexto”. A leitura labial precisa de treinamento intenso para que seja desenvolvida; isso depende também do empenho familiar e da pos-

sibilidade ou não de ter feito acompanhamento fonológico desde muito cedo, ou seja, o surdo pode ou não adquirir esta habilidade.

Segundo Gesser (2009, p. 61), “ainda que a filosofia oralista tenha predominado na educação dos surdos por muitos anos, há uma variação entre surdos mais habilidosos para leitura labial e outros nem tanto”. Por este motivo é sempre importante que o estudante se sente nas primeiras carteiras da sala de aula e o mais próximo possível do professor. Ao docente cabe o papel de empenhar-se para que suas explicações ocorram sempre de frente para os acadêmicos e nunca de costas para a classe. Caso o estudante tiver desenvolvida a habilidade para realizar a leitura labial, este será mais um importante recurso utilizado pelo professor em relação à aprendizagem do estudante, favorecendo seu entendimento.

O uso das tecnologias na educação, na contemporaneidade é de fundamental importância. Com os avanços tecnológicos, dispomos de alguns aplicativos acessíveis para a interação de surdos e ouvintes, que são oferecidos em versões para celulares, tablets e computadores. Um exemplo a ser mencionado são os aplicativos de celulares que nos permitem interagir com um avatar em animação 3D. A comunicação pode ser feita por meio da digitação de palavras no teclado ou mesmo por gravação de voz que, em tempo real, traduz qualquer conteúdo dito em português para a língua de sinais.

Quando nos deparamos com palavras que desconhecemos os sinais, ao interagir com o intérprete virtual, temos acesso ao seu sinal em Língua Brasileira de Sinais. Existe ainda a possibilidade de se formular uma frase, para que ele a transforme em sentença de Libras. A ferramenta é bastante utilizada por ouvintes, mas tem auxiliado imensamente os surdos principalmente na busca por sinais desconhecidos e na significação de palavras e frases em português.

O mesmo sistema também se encontra disponível em outros formatos como totens de comunicação, monitores acessíveis e tradutor de vídeos. Essas ferramentas podem ser utilizadas no espaço sala de aula, para torná-la mais acessível ao estudante com surdez. A universidade precisa proporcionar aos seus acadêmicos acesso aos recursos tecnológicos e imagéticos, que servem como forma de apoiar as adaptações aos estudantes, independente de estes serem público alvo da Educação Especial ou não. As adequações e buscas por recursos e materiais visuais para o ensino de alunos com surdez são essenciais, pois facilitam e possibilitam o acesso ao conhecimento dos estudantes. É preciso muita dedicação do professor ao programar e desenvolver suas aulas, utilizando as tecnologias da informação e comunicação, visando dinamizar os processos de ensinar e aprender.

CONCLUSÃO

Os dizeres dos estudantes possibilitaram-nos constatar diversos desafios e fragilidades encontradas nas práticas pedagógicas docentes, vivenciadas pelos acadêmicos surdos. O que acabou nos fornecendo uma visão de como ocorre o processo de inclusão destes es-

tudantes, bem como o entendimento de que a utilização das tecnologias favorece a aprendizagem e a interação deste público-alvo com seus docentes.

Ouvir o relato dos estudantes surdos foi muito significativo. Durante as entrevistas foi possível observar o olhar do acadêmico em relação ao ensino superior e como se sentem em relação a ele, mas ao mesmo tempo percebemos seus medos, inseguranças e as falhas que ocorrem durante o processo vivenciado por eles na universidade. Evidenciamos que a utilização das tecnologias necessita ser entendida como uma sólida ferramenta facilitadora da aprendizagem dos estudantes surdos, transformando-se em instrumento de inclusão e permitindo ao estudante que prescreva a relação entre o concreto e o abstrato, garantindo êxito no seu processo de desenvolvimento.

As imagens, a utilização do projetor, o quadro, vídeos com legenda, ambientes virtuais em consonância com a mediação do profissional intérprete, fornecem ao professor subsídios para que ele possa desempenhar seu papel diante de acadêmicos surdos. Quando a explicação ocorre com maior clareza, proporciona-se ao estudante a efetiva participação de seu processo formativo, que se torna um importante recurso a ser explorado pelo professor, favorecendo o processo de aprendizado.

Entendemos que nossas inferências contribuirão e poderão auxiliar professores, estudantes, futuros professores e pesquisadores que buscam por informações relacionadas à docência para estudantes surdos. Percebemos também diferenciadas perspectivas em torno dos conceitos que ressignificam, transformam e constroem novos conhecimentos. Se alinhadas, as práticas pedagógicas bem-sucedidas, poderão favorecer os processos de ensino e de aprendizagem ao longo de toda uma carreira: ganham professores por suas experiências, estudantes pelo convívio com o diferente e os surdos que reconhecem verdadeiramente o processo inclusivo oferecido pela instituição de Educação Superior.

REFERÊNCIAS

ALBA. C. Uma educação sem barreiras tecnológicas. TIC e a educação inclusiva. SANCHO. J. M. (org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de Comunicação e Sinalização Surdez**. Brasília, 2006.

BRASIL. **Os Principais Indicadores da Educação de Pessoas com Deficiência Censo MEC/ INEP.** Brasília, 2013. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16759-principais-indicadores-da-educacao-de-pessoas-com-deficiencia&Itemid=30192. Acessado em abr. 2017.

CAMPELLO, A. R. e S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COOL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

CORREA, R. B. S. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GESSER, A. **Libras que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JANNUZZI, G.S.M. **A educação dos deficientes no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** São Paulo: Autores Associados, 2006.

LIMA, D. M. C. de A. **Educação infantil saberes e práticas da inclusão dificuldades de comunicação e sinalização: surdez.** 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

MARCHESI, A. Comunicação, linguagem e pensamento. In: CALL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORAES, M. C. (org.). **Educação a distância: fundamentos e práticas.** Campinas, São Paulo: UNICAMP/NIED, 2002.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre. Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC, 2002.

QUADROS, R. M. de. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre. Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. **IV Congresso Internacional e X Seminário nacional do INES.** Rio de Janeiro, 2005.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

RENGEL, D.; RIBEIRO, S.M. O ensino superior nas vozes de estudantes com deficiência que frequentam o ensino técnico. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 133-146, 2016.

SACKS, O. **Vendo vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, L. C. da; BARAÚNA, S. M. **A inclusão escolar do surdo**: algumas reflexões sobre um cotidiano investigado. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 16, n. 27, jan./jun., 2007.